



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LETÍCIA DE SOUSA NUNES

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOB O OLHAR
DOS PROFESSORES DE SERTÃOZINHO-PB**

**GUARABIRA-PB
2021**

LETÍCIA DE SOUSA NUNES

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOB O OLHAR
DOS PROFESSORES DE SERTÃOZINHO-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
a/ao Coordenação /Departamento do Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Ana Raquel de Oliveira França

**GUARABIRA-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N972i Nunes, Leticia de Sousa.

A importância da afetividade na Educação Infantil
[manuscrito] : sob o olhar dos professores de Sertãozinho-PB
/ Leticia de Sousa Nunes. - 2021.

45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Ana Raquel de Oliveira França ,
Departamento de Educação - CH."

1. Afetividade. 2. Educação infantil. 3. Ensino-
aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 372.24

LETÍCIA DE SOUSA NUNES

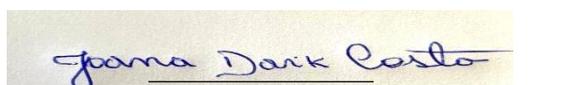
A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOB O
OLHAR DOS PROFESSORES DE SERTÃOZINHO-PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduada em Pedagogia.

Aprovada em: 24/05/2021

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Ma. Ana Raquel de Oliveira França
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a. Ma. Joana Dar'k Costa Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Dra. Germana Alves de Menezes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe Maria Cassimiro de Sousa Nunes
por todo apoio e incentivo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me fortalecido em tantos momentos difíceis dessa caminhada e por me permitir alcançar mais uma conquista em minha vida.

A minha família, em especial minha mãe Maria Cassimiro e meus irmãos por ter me dado todo o apoio e incentivo para que eu chegasse até aqui.

A minha orientadora professora Ana Raquel de Oliveira França, sou imensamente grata pela paciência, dedicação e pelo trabalho realizado junto a mim. Suas contribuições foram essenciais para que esse trabalho se concretizasse.

As professoras componentes da banca, Joana Dar'k Costa e Germana Alves de Menezes pelas contribuições a fim de aprimorar o trabalho acadêmico.

Aos meus amigos do curso, que estiveram presentes em todos os momentos de minha vida acadêmica me apoiando e motivando, Maria do Livramento Reis, Maria José Silva e Walberto Silva.

Aos professores da UEPB-Campus III que passaram por mim ao longo do curso deixando muito aprendizado.

Aos professores (as) da cidade de Sertãozinho-PB que se dispuseram a participar, contribuindo significativamente para essa pesquisa.

E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a elaboração deste trabalho. Muito obrigada!

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, do outro sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. (FREIRE, 2020).

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOB O OLHAR DOS PROFESSORES DE SERTÃOZINHO-PB

THE IMPORTANCE OF AFFECTIVITY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: UNDER THE EYE OF TEACHERS FROM SERTÃOZINHO-PB

Letícia de Sousa Nunes¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem a partir da percepção dos professores de educação infantil, por considerarmos um tema relevante e ainda pouco debatido e explorado em sala de aula e na formação de professores. Utilizamos os pressupostos teóricos de Jean Piaget no campo da afetividade a partir da epistemologia Genética e recorremos também a Vygotsky mais especificamente em relação ao conceito de mediação, no campo da teoria histórico-cultural, para oferecer um norte na perspectiva da mediação. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, investigando a percepção dos professores da cidade de Sertãozinho-PB sobre a importância da afetividade na educação infantil. Para análise dos dados utilizamos a análise de conteúdo de Bardin, que permitiu explorar ao máximo o que disseram os(as) professores(as). Diante dos dados analisados, foi possível conhecer a percepção dos professores, notamos ainda que se esforçam para garantir o mínimo de ambiente para o desenvolvimento das habilidades sociais que influenciam no lidar com as emoções. Mas se torna necessário que este tema continue sendo debatido e pesquisado, em especial nos cursos de formação docente.

Palavras-chave: Afetividade. Educação infantil. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The present work has as aims understand the importance of affectivity in early childhood education in the process teaching-learning from the perception of teachers in early childhood education, for considering a relevant topic and yet little debated explored in the classroom and on teacher training. We use the presupposed theoretic in Jean Piaget in the dimension affectivity from the genetic epistemology and we resort the Vygotsky more specifically in relation to the concept in mediation, in the field of theory historic-cultural, to offer a direction at mediation perspective. The methodology used was from qualitative nature, investigating teachers' perception importance of affectivity in early childhood education about the schools in the city Sertãozinho- PB. For data analysis we used contents analysis from Bardin, that allowed explore to the utmost said the teachers. Given the data analyzed, it was possible meet the perception of teachers, we noticed that striving for ensure minimum in ambience for to develop social skills that influence to deal with emotions. But it becomes necessary that this theme be debated and researched, in particular in teacher training.

Keywords: Affectivity. Early childhood education. Teaching-learning.

¹Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba, orientada pela Profª. Ma. Ana Raquel de Oliveira França. E-mail: leticia.nunes@aluno.uepb.edu.br

LISTA DE QUADROS

Quadro nº1 Arquivo digital.....	23
Quadro nº2 Sujeitos que foram entrevistados.....	25
Quadro nº3 Referente a questão nº1.....	29
Quadro nº4 Referente a questão nº2.....	31
Quadro nº5 Referente a questão nº3.....	33
Quadro nº6 Referente a questão nº4.....	35
Quadro nº7 Referente a questão nº5.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal
CCF	Creche Criança Feliz

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivos.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 Afetividade e desenvolvimento na Educação Infantil.....	14
2.2 A afetividade e seus múltiplos olhares.....	16
2.3 Afetividade e desenvolvimento infantil: as considerações da Epistemologia Genética de Jean Piaget.....	18
2.4 A relação afeto e ensino aprendizagem.....	19
2.5 O conceito de mediação de Levy Vygotsky e suas implicações no processo ensino- aprendizagem	21
3 METODOLOGIA	23
3.1 Procedimentos para análise e discussão dos dados.....	26
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A	43
APÊNDICE B	44
APÊNDICE C	45

1 INTRODUÇÃO

Apesar de estarmos em uma era globalizada, tempo em que conseguimos nos conectar com certa rapidez por meio do mundo virtual, ainda é muito comum ver e ouvir professores reclamando do comportamento dos(as) alunos(as), seja na escola ou nas vídeos-aulas(considerando o momento de pandemia em que estamos vivendo), o que é muito preocupante, pois sabemos que em muitas escolas do nosso país, a indisciplina é presente.

Foi constatado por uma pesquisa internacional divulgada pelo G1 sobre ensino e aprendizagem Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Teaching and Learning International Survey, Talis, na sigla em inglês), que o Brasil está entre os países que estão no ranking, com alto índice de indisciplina, a pesquisa aponta que 20% do tempo de aula é perdido devido ao mau comportamento dos alunos, “é o país que onde o professor mais perde tempo de aula” (GUILHERME, 2015).

A responsabilidade dos pais em educar os filhos, às vezes, é transferida, como tarefa exclusiva, para o(a) professor(a), o que o(a) obriga a assumir funções que vão além de suas atividades como docente. Não impor limites aos filhos acarreta um mau comportamento deles na escola e em outros ambientes fora dela, podendo levar o aluno a ter dificuldades em lidar com regras, a ter baixo rendimento escolar, desmotivação etc. Verificamos quase todos os dias notícias sobre a violência que assola a escola pública e particular e cada vez mais nos debruçamos em estudos em busca de soluções para fazer com que o espaço de sala de aula seja atraente.

O diálogo é uma das saídas para a construção de valores, que podem ser desenvolvidos desde cedo, tendo a escola como espaço para exercitar as habilidades sociais que são imprescindíveis para uma relação de ensino aprendizagem satisfatória. Os valores, a afetividade, o senso de coletividade podem ser exercitados desde muito cedo, o que pode tornar a relação professor-aluno cotidianamente mais leve e adequada.

Diante do cenário atual, se faz necessário contribuir com o nosso fazer pedagógico para a promoção de melhorias na vida escolar das crianças. Sendo assim, a necessidade de pesquisar sobre esta temática surgiu numa experiência, em sala de aula, durante um período no qual tive a oportunidade de acompanhar o dia a dia de crianças na Creche Criança Feliz, localizada na cidade de Sertãozinho-PB, onde trabalhei por cerca de quatro meses, no ano de 2017. Neste curto período, despertou o desejo de compreender a relevância das questões afetivas no âmbito educacional, e como utilizá-las para desenvolver a aprendizagem nas crianças de Educação Infantil. Pois, conforme Illouz (*apud* CARVALHO, 2014) “a questão

afetiva e a linguagem sentimental, ocupam um espaço singular e vêm adquirindo cada vez mais centralidade na descrição do cotidiano escolar. A afetividade do professor é muitas vezes entendida como o único atributo necessário para o exercício da docência” (ILLOUZ, 2011, *apud* CARVALHO, 2014, p.3).

Isso nos leva a supor que o afeto é um dispositivo importante no processo de aprendizagem e, portanto a falta dele interfere negativamente no desenvolvimento da criança em sala de aula. Este estudo pretende investigar *qual o espaço que ocupa a afetividade nas relações de ensino aprendizagem?*

O tema escolhido como objeto de estudo será a afetividade, por considerarmos um tema relevante e ainda pouco debatido e explorado em sala de aula e na formação de professores. Para que possamos nos aprofundar na temática, utilizamos os pressupostos teóricos de Jean Piaget no campo da afetividade a partir da Epistemologia Genética. Recorremos também a Vygotsky, mais especificamente em relação ao conceito de mediação, no campo da teoria histórico-cultural, para oferecer um norte na perspectiva da mediação, que consideramos conceito chave para lidar com a afetividade em sala de aula.

Para que se torne possível esta pesquisa, estruturamos da seguinte forma:

Pesquisa bibliográfica (livros, artigos científicos e acervo digital) para uma aproximação teórica com o tema, realizamos uma pesquisa bibliográfica para nos aprofundarmos na temática, sem com isso, perder de vista o referencial da afetividade a partir das teorias de Jean Piaget e Lev Vygotsky e uma **pesquisa à campo**, na cidade de Sertãozinho-PB. Nesta etapa, faremos entrevistas online com professoras da educação infantil.

Como estamos vivendo em um momento *sui generis*, como o da Pandemia do Covid-19, optamos por entrevistas virtuais e não presenciais, a fim de coletar dados com segurança e não perder de vista a ligação com a prática.

1.1 Objetivos

Partindo da necessidade de compreender por que a afetividade é um fator crucial na educação infantil, o objetivo geral do artigo é *compreender a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem a partir da percepção dos professores das escolas do município de Sertãozinho-PB*. Para isso seguiremos passos tendo alguns objetivos específicos:

- Investigar a importância da afetividade na formação de crianças, especialmente na Educação Infantil;
- Destacar experiências exitosas que tem a afetividade como sendo princípio norteador das atividades com crianças.

Em algumas realidades, não tão distantes, podemos observar famílias desestruturadas que não possuem sequer condições de auxiliar as crianças no seu desenvolvimento integral. Vigotski (1998) destaca o papel das interações sociais para o desenvolvimento, que acontece entre pessoas que estão no ambiente da criança. A escola, como um segundo ambiente de aprendizagem, propicia o conhecimento científico para atender as reais necessidades dos alunos, considerando a história de vida, como também a importância da afetividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem deles.

Muitas crianças procuram o que não encontram em casa, na escola principalmente, esperam do(a) professor(a) uma postura afetiva. Libâneo (2001), afirma que

A cultura escolar inclui também a dimensão afetiva. A aprendizagem de conceitos, habilidades e valores envolve sentimentos, emoções, ligadas às relações familiares, escolares e aos outros ambientes em que os alunos vivem. Proporcionar ao aluno uma aprendizagem significativa supõe da parte do professor conhecer e compreender motivações, interesses, necessidades de alunos diferentes entre si, capacidade de comunicação com o mundo do outro, sensibilidade para situar a relação docente no contexto físico, social e cultural do aluno (LIBÂNEO, 2001, p. 44).

É fundamental que o profissional atuante na educação se mostre empático com as crianças em seu cotidiano, reconhecendo que existem realidades distintas, crianças que necessitam de maior cuidado e atenção, mas é fundamental também, que este profissional atente para o uso da ação intencionalizada, ou seja, da ação pedagógica.

Para o desenvolvimento em termos de estruturação de texto, organizamos esse estudo dividindo em cinco capítulos: desenvolvemos no segundo capítulo o referencial teórico que foi pesquisado, com os principais conceitos e múltiplos olhares sobre o tema escolhido como objeto de estudo. No terceiro capítulo temos a metodologia, momento em que detalhamos todo o percurso realizado na pesquisa de campo. No quarto capítulo, a análise e discussão a partir do que conseguimos coletar, tanto do material teórico quanto das entrevistas na prática. Terminamos com as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Afetividade e Desenvolvimento na Educação Infantil

De acordo com o Dicionário Aurélio, a infância é “Período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade; meninice, puerícia”. É nesse período da vida em que começam a construir e a desenvolver conhecimentos que perdurarão até o fim da vida.

Na infância, o primeiro contato em geral é com a família nuclear, hoje, cada vez mais, sendo constituída a partir de forma diversa, próprios de países que enfrentam grandes transformações sociais, como também, resultado de fatores econômicos, mudança de valores, crenças e mais recentemente, consequências de pandemias mundiais. Muitas vezes, encontramos famílias monoparentais, anaparentais, informais, reconstituídas e/ou paralelas, fato este que impulsiona a criação de vínculos cada vez mais diversificados.

Da mesma forma que existe uma diversidade familiar, encontramos também uma diversidade de crianças com diferenças relacionadas à cultura, fisionomia, carência (afetiva, financeira), com dificuldades de aprendizagem, etc., crianças únicas e diferentes. A Educação Infantil é a porta de entrada para que elas tenham a primeira experiência como discentes, sendo assim, uma das primeiras reflexões que podemos fazer é: quem são essas crianças? Como chegam até nós? Quem são suas famílias? O que esperam dessa primeira experiência de ensino? Como é tratado o afeto em casa nesta multiplicidade de famílias?

Até meados do século XVII, não se tinha essa mesma concepção de infância. Uma das concepções que circulavam na sociedade naquele período concebia o termo “infância” (*infans*) como aquele que “não-fala” (OLIVEIRA, 2013). Sabemos que essa fase é repleta de descobertas e comumente de questionamentos. O conceito de infância foi sendo repensado e construído ao longo do tempo, foram vários debates acerca desse assunto, com a contribuição de vários pensadores das áreas da Filosofia, da Psicologia e da Educação. Por muito tempo predominou a ideia de que a criança deveria ser a “miniatura de um adulto” e, portanto, a educação dedicada a elas estava baseada em regras, boas maneiras, com vistas a um bom comportamento na sociedade.

Tivemos vários pensadores que contribuíram significativamente para a produção de conhecimento acerca da infância até a chegada do século XXI. Alguns defendiam uma educação diferenciada, obedecendo a faixa de idade das crianças, como Rousseau (1712-1778), quando propõe na sua obra “Emílio ou da Educação”, cuidados que obedecessem a necessidade de cada etapa de vida.

Fröbel (1782-1852), um filósofo alemão do período romântico, foi muito importante para a introdução do chamado Jardim de infância. Acreditava que para existir “desenvolvimento da humanidade é necessária a liberdade de ação do ser humano”. Compreendia que o destino da criança seria “viver de acordo com sua natureza, tratada corretamente, e deixada livre, para que use todo seu poder” (FRÖBEL, 1912, p.10).

Fröbel foi considerado o primeiro a colocar o jogo como parte essencial do trabalho pedagógico, criou o jardim de infância e com ele, a prática do uso do jogo e brinquedos, o que é proposto até os dias de hoje, como afirma Kishimoto (1998).

Sabemos que para a criança se tornar um sujeito de direitos tivemos muito tempo percorrido, como também, vários desafios até que fosse minimamente respeitada considerando seu potencial e suas necessidades básicas. Um passo muito importante para galgar este espaço é pensar como surgiram as instituições de educação infantil no nosso país.

No Brasil, em meados do século XIX, as crianças pequenas frequentavam o ensino primário junto com seus irmãos mais velhos, desta forma, elas vivenciavam uma educação formal, e ia avançando com a idade delas. Com a criação das creches, das salas de asilo e outras instituições educacionais, essa etapa se antecedia ao ensino primário, onde eram destinadas a atender as crianças dos 0 aos 6 anos (KULMANN JR., 2005), a creche deveria atender crianças até os 2 anos, as salas de asilo dos 3 aos 6 anos.

Essas instituições tinham um caráter assistencialista, pois as crianças que as frequentavam eram filhos de mães operárias que precisavam trabalhar, mas não tinham com quem deixar seus filhos. A primeira dessas instituições foi o Jardim de Crianças do Colégio Menezes Vieira, instalada no ano de 1875, na cidade Rio de Janeiro (Idem, 2005).

Mais adiante surgiram projetos de instalar no país, o Jardim-de-infância, que já existia na França, Suíça, Austrália e Alemanha, criado por Friedrich Fröbel. O primeiro jardim de infância foi construído, somente em 1909, tendo um crescimento nos anos seguintes, mas em sua maioria particular. As instituições destinadas a atender crianças de classes populares, eram os parques infantis e as creches, Oliveira (2010), afirma que “O trabalho com as crianças nas creches tinha assim um caráter assistencial-protetoral. A preocupação era alimentar, cuidar da higiene e da segurança física, sendo pouco valorizado um trabalho orientado à educação e ao desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças.”(OLIVEIRA, 2010, p. 100-101).

Embora neste período a orientação para que as creches assim como os jardins de infância, dispusessem de materiais apropriados para a educação das crianças, prevalecia um atendimento assistencial na realização do trabalho. Essa ruptura do modelo assistencialista, já

no final do século XX, se deu com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, surgindo um novo olhar voltado para uma ação educacional intencionalizada, ou seja, não somente o ato exclusivamente de cuidar, mas também de educar.

A LDB, em seu artigo 29, diz que a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Atualmente os direitos dos pequenos se fazem válidos com Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), pela Lei nº 8.069/90 que assegura em seu Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa [...] Inciso I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; e II - direito de ser respeitado por seus educadores.

Essas medidas foram tomadas somente a partir das lutas que aconteceram para a criação de leis que favorecessem as crianças e os adolescentes do país.

Considerar a criação de um lugar destinado a educação de crianças em uma determinada faixa etária (educação infantil), com mobiliário, proposta curricular que respeite a singularidade deste período e uma abordagem de acolhimento, propicia espaço de desenvolvimento de afetividade. Todo processo educativo deve considerar a afetividade, esta é indissociável da inteligência, para Piaget, este é um pressuposto fundamental. “Inteligência e afetividade são diferentes em natureza, mas indissociáveis na conduta concreta da criança, o que significa que não há conduta unicamente afetiva, bem como não existe conduta unicamente cognitiva” (SOUZA, 2003, p.57).

2.2 Afetividade a partir de múltiplos olhares

A afetividade é definida e compreendida de diversas formas, por diferentes autores. De acordo com o Dicionário Aurélio, a palavra afetividade origina-se da 1. qualidade ou caráter de quem é afetivo. 2. conjuntos de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões[...]. Piaget (2014) compreende a afetividade por: “a) os sentimentos propriamente ditos e, em particular, as emoções; b) as diversas tendências, incluindo as “tendências superiores”, e em particular a vontade”. (Piaget, 2014, p. 39).

Para Wallon, a afetividade tem um papel preponderante, por ser mediadora das relações sociais, na medida em que correspondem a estados de bem e mal estar, contendo gestos expressivos que propiciam a sobrevivência da espécie desde a mais tenra idade, afetando o mundo que rodeia a criança, sendo esta, a primeira interação com o meio ambiente.

Wallon afirma que a expressão emocional é fundamentalmente social (DANTAS, 1992; WALLON, 2007).

A afetividade, para Vygotsky, tem um papel no processo de construção cultural, que é construída ao longo de uma história pessoal. Nessa perspectiva, o sujeito é um produto do desenvolvimento de processos físicos e mentais.

O conjunto de emoções, sentimentos, tendências, vontades que compõem a afetividade nos impulsionam a reagir a uma conduta. Conforme Mota et al (2009), a maneira como o professor vem a tratar as crianças no ambiente escolar pode influenciar no desenvolvimento intelectual delas, trazendo consequências positivas e/ou negativas, acelerando ou retardando o seu desenvolvimento.

Sabemos que o professor tem um papel importante na vida do aluno, capaz de contribuir significativamente para o seu desenvolvimento e direcioná-lo para o caminho que o leva ao aprendizado, mas é importante ressaltar que a sua postura e conduta, pode refletir também no comportamento do mesmo durante toda uma vida escolar. Freire (2020) chamava a atenção para esse importante papel do(a) professor(a) na vida de seus(suas) alunos(as), para ele “às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à *assunção* do educando por si mesmo” (FREIRE, 2020, p. 43).

Algumas atitudes do professor podem causar reflexos positivos ou prejuízos futuros no aluno, Piaget (2014) afirma que o,

papel da afetividade como acelerador ou perturbador das operações da inteligência é incontestável. O aluno motivado em sala de aula terá mais entusiasmo para estudar e aprenderá mais facilmente. Dentre aqueles que são fracos em Matemática, por exemplo, mais da metade dos casos se devem, sem dúvida a um bloqueio afetivo, a um sentimento de inferioridade especial (PIAGET, 2014, p 37-38)

O profissional da educação infantil necessita estar atento à quais meios pode recorrer e utilizar para despertar no aluno autoconfiança e bem-estar, para que ele venha a se sentir estimulado a aprender e a construir conhecimento. De acordo com Arantes (2003), a nossa maneira de pensar influencia na nossa maneira de sentir e nossos sentimentos influenciam a forma como pensamos, sendo assim a afetividade tem o papel de organizar o nosso funcionamento psíquico.

2.3 Afetividade e desenvolvimento a partir do olhar da epistemologia genética de J. Piaget

Em seu estudo genético sobre a relação entre afetividade e inteligência no desenvolvimento mental da criança, Piaget (2014) atribui importância à afetividade para o desenvolvimento psicológico, rompendo a dualidade existente entre a inteligência e a afetividade, apresentando o desenvolvimento psicológico como uno, em suas dimensões afetiva e cognitiva.

O autor afirma que ambas são indissociáveis, atuam de maneira dinâmica para o desenvolvimento psicológico, desta forma, a afetividade tem a função energética para a inteligência, não a modificando, mas servindo como motor para o seu funcionamento. Portanto, a conduta da criança não é movida somente pela dimensão cognitiva, mas também pela dimensão afetiva.

De acordo com Souza (2003), “todos os comentadores concordam que a ocasião em que Piaget defendeu mais demoradamente sua tese da correspondência entre o desenvolvimento afetivo e o desenvolvimento cognitivo foi durante os cursos ministrados na Sorbonne em 1953-54”.

É importante destacar que Piaget percorre vários autores, foi inspirado pelas teorias de P. Janet, E. Claparède e K. Lewin etc., para formular sua teoria. A afetividade está relacionada aos interesses, às ações que se resultam nas condutas, ao dinamismo atrelado afetividade/inteligência, intervindo na percepção do sujeito, que acontece de forma singular, com base no interesse individual.

Piaget (2014) afirma que toda conduta é uma *adaptação*, esta decorre de um desequilíbrio causado pelo surgimento da consciência de uma necessidade (afetiva), o desejo querer, de conhecer algo que não tenho ou que não conheço. O estado de desequilíbrio impulsiona no indivíduo o desejo de agir, de buscar a satisfação, ou seja, buscar o equilíbrio, fazendo com que o indivíduo abandone a insatisfação de estar desequilibrado e a transforme em satisfação, através da sua conduta, desta forma o cognitivo e afetivo vão se desenvolvendo.

A adaptação consiste em dois processos: *assimilação* e *acomodação*, ambos permitem a criança reformular conceitos que já foram construídos por ela e, a adaptação somente acontece quando o equilíbrio se reestabelece entre o organismo e o meio (PIAGET, 2014). No processo da assimilação, a criança acrescenta novas informações aos conhecimentos já adquiridos por ela, compreendendo a novidade associando ao que já possui, assimilando o que

para ela é parecido. No processo da acomodação, as novas informações transformam ou substituem os conhecimentos já adquiridos pela criança, havendo uma modificação.

Piaget (2014), além dos estágios do desenvolvimento intelectual, desenvolveu também os estágios do desenvolvimento afetivo, fazendo um paralelo, o autor denomina como acontece. O Desenvolvimento afetivo é marcado por duas fases: Sentimentos Intraindividuais (acompanhando a ação do sujeito, qualquer que seja a ação), Afetos Perceptivos; e Sentimentos Interindividuais (trocas afetivas entre pessoas) Afetos intuitivos, Normativos e Ideológicos.

De 0 a 2 anos, denomina os *Afetos Perceptivos*, correspondem ao que se dá no campo cognitivo, relacionados ao período sensório-motor. Estão ligados a necessidades biológicas de conforto e desconforto e a de sentimentos de êxito e fracasso.

De 2 a 7 anos, denomina os *Afetos Intuitivos*, correspondem ao campo cognitivo, relacionados ao período pré-operatório. Estão ligados à fantasia e à intuição. Nesse período a criança está adquirindo a linguagem, do ponto de vista afetivo ela vai fazer o uso da mesma para expressar suas fantasias e intuições.

De 7 a 11 anos, denomina os *Afetos Normativos*, correspondem ao campo cognitivo, relacionados ao período operatório-concreto. Estão ligados à cooperação, e é nesse período que a criança começa a construir conceitos, abandonando a ideia do “eu” para o “nós”, entrando no campo coletivo.

De 11 anos acima, denomina os *Sentimentos Ideológicos*, correspondem ao campo cognitivo, relacionados ao período operatório formal. Nesse período os sentimentos não estão ligados as pessoas, mas sim à ideais, de acordo com o contexto que a criança está inserida (PIAGET, 2014)

Em cada fase do estágio do desenvolvimento afetivo o autor descreve de acordo com a idade. A criança está propícia a desenvolver mais facilmente os aspectos apresentados em cada estágio, o(a) professor(a) tendo conhecimento disso vai criar possibilidades para a criança conseguir se desenvolver e construir conhecimento.

2.4 Afetividade na relação de ensino-aprendizagem

A escola como segundo ambiente social da criança, onde passa grande parte do tempo diário, contribui para que sejam desenvolvidas relações/vínculos com outras pessoas que estão fora do convívio familiar. Nesse meio que ela está inserida mantém contato também com outros adultos, e crianças da mesma faixa etária, o que facilita a sua capacidade para

desenvolver diversas habilidades, como a fala, desenvolvimento motor, autonomia, entre outros.

Para o seu desenvolvimento linguístico, é importante que elas interajam com o(a) professor(a) e vice-versa. As autoras Ramos; Salomão (2016) ressaltam a importância do papel dos adultos, “enquanto mediadores fundamentais desse processo, uma vez que é através das interações estabelecidas entre as crianças e as pessoas com quem mais convivem que a sua linguagem se desenvolve.” (RAMOS; SALOMÃO, 2016, p. 36).

A vivência no espaço escolar vai fazer grande parte da vida da criança interferindo diretamente no seu desenvolvimento, por isso se torna essencial que nele tenhamos relações positivas, de afeto, disciplina, confiança e, sobretudo que o aluno tenha oportunidade para dialogar, opinar e expressar-se.

Para compreender o espaço que os rodeia e além dele, pois, tendo em vista que cada aluno carrega consigo uma bagagem, o diálogo é essencial no dia a dia do professor e do aluno. Permite desta forma ao professor conhecer o aluno, e, o permite reavaliar a si próprio e a como irá desenvolver no aluno a aprendizagem. Contudo, exige do professor uma postura empática ao conhecer uma nova realidade.

Ao fazer uma comparação do profissional de educação infantil com o médico, Oliveira (2017) destaca o papel da empatia,

Para o (a) profissional de educação infantil, como para quem pratica a medicina, a empatia tem um lugar fundamental, levando a uma ajuda transformadora [...] a pessoa que porta o título de professor (a) /educador (a) infantil, mas se mostra insensível às necessidades de afeto, segurança, compreensão e saber das crianças sob seus cuidados não deveria estar nessa profissão (OLIVEIRA, 2017, p. 55)

A formação docente é uma ferramenta de grande valia na vida do/a professor/a, o que o torna qualificado para atuar com competência. De acordo com Freire (2020),

nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação (FREIRE, 2020, p. 45).

Não podemos descartar a formação continuada, é indispensável como uma alternativa de melhoria para a prática docente. A busca por alternativas melhores muitas vezes não é feita pelas escolas, por falta de recursos a oferecer, mas pode ser feita pelo professor reflexões sobre sua prática docente e como pode contribuir por meio dela para o processo de desenvolvimento do aluno.

2.5 A mediação a partir do sociointeracionismo de L. Vigotski

Vigotski avança na discussão em relação a ensino-aprendizagem na medida em que estuda a importância da mediação neste processo. Este é fundamental para que a afetividade esteja presente na modalidade de Educação Infantil. Consideramos um aspecto importante para Piaget (2014), que no processo de ensino aprendizagem, afetividade e inteligência são indissociáveis, mas é preciso uma boa mediação para que a afetividade seja garantida não só na Educação Infantil, mas em todas as modalidades de ensino.

É importante lembrar que Vigotski contribuiu significativamente estudando as Funções Psicológicas Superiores (FPS), que são mecanismos psicológicos humanos mais sofisticados, que nos diferencia de outros animais. As FPS não dependem só do caráter biológico dos processos psicológicos, mas leva em consideração as relações que são estabelecidas socialmente. Para Oliveira e Rêgo (2003), é preciso destacar o papel da linguagem e a importância da interação social para o desenvolvimento pleno dos indivíduos.

Devemos destacar que a afetividade como sendo uma Função Psicológica Superior, e está ligada aos processos de ensino aprendizagem, portanto, demanda uma boa mediação. Temos como um dos objetivos investigar a visão dos professores sobre a importância da afetividade e aprendizagem na Educação Infantil, para isso, teremos Vigotski como referencial nesta relação de ensino aprendizagem.

Para Vigotski, a aprendizagem precede o desenvolvimento. O contato da criança com a cultura vigente por meio de adultos e pessoas mais velhas e/ou seus pares, promove o desenvolvimento. Assim, a afetividade é um aspecto a ser desenvolvido neste processo de mediação, cabendo o(a) mediador(a) criar Zonas de Desenvolvimento Proximal, que são aquelas “funções ainda não amadurecidas, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário” (VIGOTSKI, 1998, p.113).

Sabemos que o desenvolvimento da afetividade não é apenas de responsabilidade da escola e do(a) mediador(a), mas da família também. Contudo, no ambiente escolar as crianças vivem demandas sociais que propiciam aprendizagens neste sentido, na medida em que estão sujeitas a relação com o grupo, e conseqüentemente, são introduzidas em sistema de regras. Cabe na mediação, propiciar espaço de aprendizagem neste campo e conseqüentemente desenvolvimento.

Para Vigotski (1998), as dimensões do afeto e da cognição estariam, desde cedo, íntima e dialeticamente relacionadas. Para este autor, as emoções primitivas têm raiz biológica. “Mas, no decorrer do desenvolvimento as emoções vão se transformando, se

afastando dessa origem biológica e se constituindo como fenômeno histórico e cultural” (VIGOTSKI, 2003).

Oliveira e Rêgo (2003, p.23) afirmam que:

O ser humano aprende, por meio do legado de sua cultura e da interação como outros humanos, a agir, a pensar, a falar e também sentir (não somente como humano, mas por exemplo como ocidental, com um homem moderno, que vive numa sociedade industrializada, tecnológica e escolarizada, como um latino, como um brasileiro, com um paulista, com um aluno). Nesse sentido o longo aprendizado sobre emoções e afetos se inicia nas primeiras horas de vida de uma criança e se prolonga por toda a sua existência.

Estes autores nos ajudam a pensar o quanto é importante a investigação sobre afetividade na educação infantil e que acontece além do ambiente em que as crianças estão inseridas, o qual influencia e contribui para o desenvolvimento humano.

3 METODOLOGIA

Diante dos objetivos traçados e do que foi delimitado como problema, traçamos o percurso metodológico da pesquisa. Foi feita uma pesquisa bibliográfica (teórica) em livros, artigos científicos e acervo digital para uma aproximação teórica com o tema, e uma pesquisa à campo (entrevista).

Quadro1: Arquivo digital (dissertações, teses, artigo se/ou livros

Título	Autores estudados (quem escreveu o livro ou artigo)	Ano/Instituição
Bebês na creche: Contribuições da Psicologia do Desenvolvimento.	PICCININI, Cesar A. et al.	Juruá, 2017.
Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática.	Del Prette ZAP, Del Prette A.	Vozes, 2008.
Ser criança: repensando o lugar da criança na educação infantil.	MELO, Glória Maria Leitão de Souza et al.	EDUEPB, 2009.
Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, V. A. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.	OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.	Summus, 2003.
Educação Infantil: Fundamentos e Métodos.	OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de.	Cortez, 2010.
O imperativo do afeto na educação infantil: a ordem do discurso de pedagogas em formação.	CARVALHO, Rodrigo Saballa de.	UFFS, 2014.
Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educacionais e profissão docente.	LIBÂNEO, José Carlos.	Cortez, 2001.
Interface: Psicologia do desenvolvimento e questões educacionais contemporâneas.	SALOMÃO, Nádia M. Ribeiro et al.	UFPB, 2016.
The education of man.	FRÖBEL, F.	Ed. Harris, 1912.
Fröbel e a concepção de jogo infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (Org). O brincar e suas teorias.	KISHIMOTO, T.M.	Ed. Pioneira Educação, 1998.
Relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento mental da criança.	PIAGET, Jean.	Wak Editora, 2014.
Histórias e memórias da educação no Brasil.	STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara.	Vozes, 2005.
As emoções e seu desenvolvimento na infância. In: _____. O desenvolvimento psicológico na infância.	VIGOTSKI, L.S.	Martins Fontes, 1998.
A educação do comportamento emocional. In: Psicologia pedagógica: edição comentada.	VIGOTSKI, L.S.	Armed, 2003.
Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.	FREIRE, Paulo.	Paz e Terra, 2020.

Fonte: Autora(2021)

Através dos textos, pudemos ter uma aproximação a diversos autores que contribuíram grandemente para a temática da afetividade e compreender a visão que eles apresentaram através dos estudos por eles desenvolvidos. A pesquisa foi esclarecedora, considerando que ao iniciar a mesma tinha em mente questões a serem respondidas e que ao longo dela foram sendo elucidadas. Questões referentes ao papel que a afetividade exerce, e, se tratando de

como ela pode intervir no desenvolvimento da criança e conseqüentemente em sua aprendizagem.

Os(as) autores(as) dos primeiros textos trazem consideráveis colaborações da psicologia para o desenvolvimento infantil, o que despertou um olhar sensível aos conceitos que estão relacionados à criança. Os textos lidos fizeram pensar e refletir em como as relações interferem na vida e no desenvolvimento da criança e em como agir diante de crianças com realidades tão diferentes.

Pesquisar a influência da afetividade no processo de aprendizagem das crianças de Educação Infantil nos levou a utilizar **a abordagem qualitativa**, pois, conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 70) “a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados”. Desta forma, é possível selecionar intencionalmente pessoas ou locais que podem oferecer informações necessárias (CRESWELL; CLARK, 2013). Neste tipo de abordagem não há a necessidade quanto à dados estatísticos, o que permite ao pesquisador um contato mais próximo da realidade dos sujeitos entrevistados para compreender e analisar os dados fornecidos.

Foi feita uma **pesquisa de natureza descritiva**, “quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52). A qual foi possível registrar, analisar e ordenar, não havendo alteração nos dados coletados.

LOCAL DA PESQUISA:

A pesquisa se deu na cidade de Sertãozinho, uma cidade do Estado da Paraíba, localizada na região do agreste paraibano, microrregião de Guarabira. Segundo uma pesquisa, realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2013 sua população é de 4.728 habitantes.

Como mostram os dados, Sertãozinho é uma cidade pequena, a **economia** local, gira em torno das pessoas que trabalham nos cargos públicos municipais e estaduais, dos comércios, da empresa (privada) Guaraves e aposentados.

Referente à **educação**, o município conta com 5 instituições de ensino da rede municipal na zona urbana, sendo 3 escolas que oferecem o Ensino Fundamental I e II, e Educação Infantil 1 pré-escola e 1 creche.

UNIVERSO DA PESQUISA:

A pesquisa se deu por meio de um levantamento de textos referentes ao assunto (ver quadro 1 na página inicial de metodologia), foram utilizados artigos e livros. Em seguida uma

coleta de dados através da entrevista semiestruturadas utilizando o recurso da chamada de vídeo, com duração média de 30 a 40 minutos cada, dessa maneira estreitando a distância com os sujeitos entrevistados conseguimos coletar os dados com segurança, tendo em vista que estamos num momento de pandemia.

SUJEITOS DA PESQUISA E AMOSTRA DA PESQUISA:

Foram entrevistados (as) professores (as) de Educação Infantil, das turmas do Maternal II e III, da instituição municipal Creche Criança Feliz, que fica localizada na Rua Projetada Três S/N, Conjunto Pedro Vieira- Centro da cidade de Sertãozinho- PB. A creche atende crianças de todo o município (zona urbana), nos turnos manhã e tarde. Os sujeitos da pesquisa trabalham na iniciativa pública, na totalidade de 5 (cinco) professores (as), todos (as) efetivos(as) com idades de 34 a 40 anos, todos(as) possuem formação docente e experiência na área entre 09 a 19 anos. No intuito de preservar as identidades dos(as) professores(as) pesquisados(as), foram utilizados as letras P.F - professores(as) formadores(as) e enumerados de acordo com o número de entrevistados(as) de 1 a 5 como mostra no quadro a seguir.

Quadro2: Sujeitos que foram entrevistados

Número de professores (PF)	Regime de contrato	Idade	Formação	Anos de experiência na área
P. F. 1	Professor (a) efetivo (a)	34 anos	Pedagogia/ História /Esp.Psicopedagogia Institucional	14 anos
P. F. 2	Professor (a) efetivo (a)	34 anos	Pedagogia/ Esp. Psicopedagogia Institucional	09 anos
P. F. 3	Professor (a) efetivo (a)	40 anos	Pedagogia	19 anos
P. F. 4	Professor (a) efetivo (a)	39 anos	Magistério/Pedagogia	13 anos
P. F. 5	Professor (a) efetivo (a)	40 anos	Pedagogia	14 anos

Fonte: Autora (2021)

O critério utilizado para a escolha dos(as) professores(as) entrevistadas foi de que seriam selecionados (as) os (as) que atuam com crianças menores (entre 2 e 4 anos), por acreditarmos que é nessa fase a qual a criança necessariamente se desvincula dos familiares e é inserida em outro meio, neste caso a creche ou pré-escola.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Um elemento essencial para a realização da pesquisa é o instrumento de coleta de dados. Para coletar os dados, o instrumento utilizado nesta pesquisa foi a entrevista semiestruturada. Segundo Lakatos e Marconi (2003),

“a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 195).

A entrevista semiestruturada, de acordo com Zanella (2013) “segue um roteiro ou “guia” criado pelo entrevistador, mas sem se prender rigidamente à sequência das perguntas” (ZANELLA, 2013, p. 117). Através da entrevista, foi possível adquirir as informações necessárias para a pesquisa, de forma espontânea, sem a necessidade de que ela acontecesse numa sequência obrigatória.

Para que fosse possível realizar a entrevista, foi combinado com antecedência dia e horário disponível para os(as) entrevistados(as), foi optada a entrevista virtual. Aconteceu entre os dias 08 a 11 de novembro de 2020, na ocasião foram entrevistadas cinco professoras(as) de educação infantil, da CCF em Sertãozinho-PB. A entrevista foi composta por cinco questões abertas, com duração entre 30 a 40 minutos.

Todos(as) se dispuseram voluntariamente a contribuir, respondendo as perguntas, pausando durante o tempo em que eu escrevia, embora em alguns momentos foi perceptível que alguns dos(as) entrevistados(as) estavam um pouco “fechados(as)”, suponho que pelo fato da entrevista ter sido feita por chamada de vídeo.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS DA PESQUISA DE DADOS

Para o desenvolvimento da referida pesquisa, foram apresentados a Carta de anuência e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado com adultos antes da entrevista (ver Apêndice A). Procurou-se respeitar os sujeitos em suas decisões para contribuir na condição de participante, mantendo em sigilo todas as informações que poderiam identificá-los. Sendo assim, usamos da ética e do bom senso, atentando somente para as informações que seriam necessárias à pesquisa.

3.1 Procedimentos para análise e discussão dos dados

No início da investigação fizemos levantamento de artigos para saber o que foi pesquisado sobre o tema e ver o que poderíamos avançar neste campo de pesquisa. A partir deste levantamento bibliográfico verificamos que a maioria das pesquisas que apresentavam a afetividade tinha como principal teórico Wallon. Neste sentido, verificamos o que poderia ser apresentado a partir da teoria de Piaget (2014) sobre afetividade e cognição e no caso da mediação, refletir a partir de Vigotski.

No segundo momento, fizemos entrevista com cinco professores(as), estas foram discutidas a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2011, 1978). Escolhemos esta técnica por considerar que poderá aproveitar ao máximo o que foi dito pelos(as) professores(as).

Para Bardin (2011, 1978), a Análise de Conteúdo consiste em um

Conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção de mensagens (BARDIN, 2011, p.42).

Pré-análise

A leitura flutuante dos textos da entrevista permitiu analisar o material, como também formular hipóteses à respeito deles. As colocações feitas pelos(as) entrevistados(as) foram demasiadamente parecidas, em se tratando da maneira como expuseram as respostas. Constatou-se que não houve discrepância de conteúdo, mas foi possível observar que tivemos respostas limitadas e menos interação da parte de alguns(umas) entrevistados(as), o que nos leva a supor que por se tratar de uma entrevista virtual não se sentiram á vontade para detalhar melhor suas percepções, ou por não estarem preparados(as) para as perguntas.

Exploração do material

Unidades de registro

Nas perguntas iniciais, observamos que as respostas dos entrevistados(as) foram imediatas, percebe-se que ao falar da afetividade a consideram essencial para o processo de ensino-aprendizagem. Observamos que nas perguntas finais, ao responderem foi comum fazer a associação da pergunta com algo relacionado ao cotidiano escolar, para que fosse possível compreender o que de fato queriam dizer.

Tratamento do resultado

A interpretação dos resultados obtidos foi feita por meio da inferência, que é um tipo de interpretação controlada. Inferência é uma dedução feita com base em informações ou um raciocínio que usa dados disponíveis para se chegar a uma conclusão.

A partir de algumas falas dos(as) entrevistados(as), foram analisados os aspectos considerados relevantes das respostas. Observamos que dentre algumas respostas tivemos: “eu tento”, “é dessa forma que eu trabalho”, “eu faço”, etc., hipoteticamente nos leva a compreender que desta maneira estão buscando meios para com que seus alunos possam

desenvolver-se nos diversos momentos do dia, seja nas rodas de conversa, nas brincadeiras livres, na contação de histórias, etc. Identificamos professores(as) que se mostram sensíveis e preocupados em acompanhar o(a) aluno(a), se estão marcando positivamente, promovendo a afetividade no dia-a-dia em sala de aula.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram apresentados e analisados os resultados da pesquisa realizada com cinco professores(as) de educação infantil da cidade de Sertãozinho-PB. O que buscamos com a entrevista ter uma visão dos(as) professores(as) sobre a importância da afetividade no processo de Ensino Aprendizagem. Os objetivos específicos giraram em torno de verificar a importância na formação das crianças, em especial as da Educação Infantil; Verificar a visão dos(as) professores(as) sobre a importância da afetividade e por fim, destacar alguma experiência exitosa que tem a afetividade como princípio norteador.

Para isso foram elaboradas cinco questões que foram utilizadas para responder: qual o espaço que ocupa a afetividade nas relações de ensino aprendizagem?

QUESTÃO Nº 1: O QUE VOCÊ ENTENDE POR AFETIVIDADE? TEM ALGUM AUTOR QUE ORIENTA SEU PROCEDIMENTO EM SALA DE AULA?

Quadro 3: Referente a questão nº1

P. F.	Respostas
P. F. 1	“É um laço criado entre os seres humanos, onde se permite demonstrar sentimentos e emoções. Wallon é o autor que sempre me dá subsídios na questão da afetividade na minha prática em sala de aula”.
P. F. 2	“É algo assim que se mostra né fundamental na construção da pessoa e vai muito além do assistencialismo e vai muito além, das demonstrações de carinho, abraços e até diminutivos excessivos né e assim o autor que eu tomo como referência é Piaget”.
P. F. 3	“É a demonstração de um sentimento de querer bem, de ter carinho ou cuidado com outro alguém. Não tenho”.
P. F. 4	“A afetividade é uma amizade, uma ligação entre o professor e o aluno. Para mim o autor principal é o grande Paulo Freire”.
P. F. 5	“A afetividade é um carinho conquistado, uma troca de atenção e cuidado. Os autores que orientam o meu processo de ensino em sala são Piaget e Wallon”.

É possível perceber nas falas que os(as) professores(as) entrevistados(as) têm o conhecimento sobre o conceito da afetividade, como também mencionam autores(as) que são referências no tema, com exceção de uma entrevistada. Afetividade está na ordem dos sentimentos e emoções, do sentimento de querer bem, afetividade é amizade, carinho. Como não foram preparadas para responder a pergunta, responderam a partir do senso comum, pelo que realmente compreendem.

Interessante ressaltar que uma professora não conseguiu citar teórico, as outras professoras recorreram a um teórico ou até dois, como no caso de P.F.5.

A afetividade é uma composição de emoções, sentimentos, tendências e vontades. Wallon (2007) aponta a afetividade como mediadora das relações sociais. Para Piaget (1954/1994), a afetividade é comumente interpretada como uma “energia” que impulsiona as

ações (BRONZATTO; CAMARGO, 2010, p. 82). No curso ministrado por ele na Universidade de Sorbonne (Paris), nos anos de 1953/54, ele afirmou que não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, ambos se apresentam em todo o comportamento humano.

A relação entre afeto e cognição não foi mencionado em nenhuma das falas das professoras, principalmente, pelo fato de nos cursos de licenciatura em Pedagogia, o assunto da afetividade é pouco explorado. Muitas vezes, estudam a cognição dissociada de afetividade. De acordo com De Souza (2003, p. 57)

Inteligência e afetividade são diferentes em natureza, mas indissociáveis na conduta concreta da criança, o que significa que não há unicamente afetiva, bem como não existe conduta unicamente cognitiva; A afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o, acelerando-o ou retardando-o; A afetividade não modifica as estruturas da inteligência, sendo somente o elemento energético das condutas.

A P.F.2, fala que a afetividade vai muito além do assistencialismo, o que podemos inferir é que para a professora, a afetividade deve ser norteada por uma teoria, ela cita Piaget, mas não oferece informação sobre o que conseguiu demonstrar o que a teoria pode orientar a sua prática.

“É algo assim que se mostra né fundamental na construção da pessoa e vai muito além do assistencialismo e vai muito além, das demonstrações de carinho, abraços e até diminutivos excessivos né e assim o autor que eu tomo como referência é Piaget” (P.F.2)

Verificamos ainda que Wallon aparece no discurso de duas professoras (P.F. 1 e 5), demonstrando que o autor ainda é a maior referência quando se trata de afetividade. Piaget, aparece em duas citações, sendo que na P.F.5, está ao lado de Wallon. Interessante perceber que para P.F.4, traz um autor que não trata da Psicologia da Educação, no entanto, marca tal teoria na pedagogia de adultos indicando o papel do afeto na relação de ensino-aprendizagem. Na sua obra Pedagogia da Esperança, Freire afirma:

educadores, precisamos refletir sobre como nossas aulas são orientadas e dirigidas, ouvir nossos alunos, dar-lhes voz, incentivar e propiciar que participem do processo pedagógico. Se abandonarmos a ideia do diálogo, da reflexão, da comunicação caímos no dirigismo. (FREIRE.1992. p.38)

Nesta primeira pergunta, verificamos que o conceito de afetividade é compreendido, mas a partir do que já sabem, não obedecendo um autor de referência, mesmo que quatro professoras citem autores, mas não nos oferece elementos que nos ajudem a compreender o que desses autores norteia a prática pedagógica em se tratando de afetividade, talvez a numa

entrevista presencial fosse possível a continuidade e o esclarecimento desta parte necessária a complementação.

QUESTÃO Nº 2: VOCÊ CONSIDERA A AFETIVIDADE UM FATOR IMPORTANTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL? POR QUÊ?

Quadro 4: Referente a questão nº 2

P. F.	Respostas
P. F. 1	“Sim. O afeto é fundamental para o processo de aprendizagem da criança”.
P. F. 2	“Sim, com certeza né. Porque ela ocupa um lugar assim extremamente importante nos primeiros anos de vida da criança, e mais tarde ela terá uma interação com o meio em que ela vive, a família, e na construção do eu e do outro ”.
P. F. 3	“Sim, porque as crianças que crecem em um ambiente amoroso têm mais chances de se desenvolver melhor e de se tornarem adultos igualmente afetivos”.
P. F. 4	“Sim. Porque através da afetividade conseguimos ter confiança da criança e só assim podemos ter uma relação de carinho e confiança ”.
P. F. 5	“É, com certeza. A afetividade é um fator muito importante na educação infantil, pois se não tiver a afetividade a aprendizagem não tem o mesmo encanto. Quando o professor conquista o afeto do aluno ele sente prazer em ir para escola, principalmente na educação infantil , afinal as crianças deixam o aconchego do seu lar e o carinho dos pais para ir para um ambiente diferente, com pessoas diferentes”.

Nas respostas das professoras verificamos que foi unanimidade perceberem a importância da afetividade e sua relação com o ensino aprendizagem. É possível destacar duas respostas (P.F 2 e 3), que atribuem o valor a cultura vigente, reforçando que o afeto está relacionado com as interações com o meio e com o ambiente em que vivem.

“nos primeiros anos de vida da criança, e mais tarde **ela terá uma interação com o meio** em que ela vive, a família, e na construção do eu e do outro” (P.F 2).

“as crianças que **crecem em um ambiente amoroso têm mais chances de se desenvolver melhor** e de se tornarem adultos igualmente afetivos” (P.F.3).

Neste sentido, nos reportamos a Vigotski no texto de Oliveira e Rego (2003, p.23) quando afirmam:

O ser humano aprende, por meio do legado de sua cultura e da interação com outros humanos, a agir, a pensar, a falar e também a sentir. Nesse sentido o longo aprendizado sobre as emoções e afetos se inicia nas primeiras horas de vida de uma criança e se prolonga por toda a sua existência.

É preciso que o(a) professor(a) compreenda que os traços emocionais são aprendidos por meio de um legado cultural e das interações. É comum em escolas de Educação Infantil alguns docentes estranharem comportamentos de meninas e meninos, colocarem os mesmos em estereótipos culturais de gênero como se fossem fatores inatos. A PF 1 afirma que a afetividade é fundamental, mas não argumenta sobre o porquê da sua importância.

Analisando as demais respostas, verificamos que o P.F 4 leva em consideração a relação de confiança que é estabelecida com a criança e proporciona uma relação de carinho e confiança.

“Sim. Porque através da afetividade conseguimos ter confiança da criança e só assim podemos ter uma relação de carinho e confiança” (P.F. 4).

É preciso ressaltar que muitas vezes a criança é vista na perspectiva ausência de problemas, hoje, sabemos que muitas sofrem situações de vulnerabilidade que impedem o desenvolvimento pleno e conseqüentemente uma relação de confiança com o docente.

No período do nascimento até os 18 meses de idade, de acordo com a Teoria Psicossocial de Erikson, onde descreve as características e conseqüências importantes de cada estágio. Este teórico compreende que a identidade se desenvolve durante toda a vida e se dá em estágios e cada um envolve uma crise na personalidade. Nesta etapa a criança enfrenta crises de Confiança Básica versus Desconfiança básica (PAPALIA et al. 2010), o bebê desenvolve o senso de perceber se o mundo é um lugar bom e seguro, sendo assim, carrega desde a mais tenra infância essa busca da confiança, tão destacada pela P.F. 4.

Quando vivenciada de forma tranquila, desenvolve o sentimento de confiança básica, caso contrário, prevalecerá o da desconfiança básica. Neste caso, podemos verificar o quanto um ambiente com pais competentes socialmente influencia na trajetória primeira da criança e repercute em sala de aula.

A entrada na Educação Infantil demarca a possibilidade de desenvolvimento de habilidades sociais, na qual a confiança é um elemento essencial para o estabelecimento de aprendizagens. Del Prette; Del Prette (2008) afirma que: Quando a criança começa a frequentar outros microssistemas, além do familiar, consegue ampliar a diversidade de interlocutores(as) e conseqüentemente, aperfeiçoa seu repertório social.

A escola constitui um espaço essencialmente interativo e reconhecidamente relevante para o desenvolvimento interpessoal da criança, com alguns autores chegando mesmo a considera-lo com um dos mais importantes resultados da escolarização inicial (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008, p.62).

Desta forma, é de extrema importância que neste espaço tenha profissionais que transmitam a confiança para a criança, neste sentido, permitindo que ela possa sentir-se confiante para aprender e para ampliar os saberes.

“Quando o professor conquista o afeto do aluno ele sente prazer em ir para escola, principalmente na educação infantil, afinal as crianças deixam o aconchego do seu lar e o carinho dos pais para ir para um ambiente diferente, com pessoas diferentes”(P.F.5)

Convém ressaltar que para PIAGET (2014) quando o aluno é motivado em sala de aula, sucessivamente se sentirá entusiasmado para estudar e terá facilidade para aprender. Portanto, quando é tratado adequadamente, o interesse ligado a ir para escola está à sensação de prazer que o ambiente o proporciona, a boa relação que foi construída e conquistada pode contribuir para que o aluno sintam-se interessado em frequentar a escola.

QUESTÃO Nº 3: FALE SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quadro 5: Referente a questão nº 3

P. F.	Respostas
P. F. 1	“A afetividade serve como um elo entre professor e aluno, o que é fundamental para que tenhamos um espaço escolar agradável, tornando o processo de aprendizagem mais prazeroso”.
P. F. 2	“É bem, eu como professora acredito que quando demonstramos carinho, cuidado, respeito e amor né, fica bem mais fácil a relação professor-aluno. Até porque são seres que quando tratados com afeto tem mais chances de, se desenvolver, emocionalmente e intelectualmente né e facilmente eles compreenderão o sentido de estudar”.
P. F. 3	“A afetividade é superimportante. Quando se constrói um vínculo de confiança entre o aluno e o professor a chance do aluno ter sucesso no processo de aprendizagem é maior ”.
P. F. 4	“A afetividade requer um compromisso que leva acima de tudo a importância do respeito, de carinho, pois só assim conseguimos ter um bom desempenho do aluno e professor”.
P. F. 5	“O laço afetivo entre o professor e o aluno na educação infantil é muito importante, pois esse primeiro contato influencia no seu desenvolvimento para sua vida escolar, ele vai levar pra vida toda, afinal a educação infantil é a base, então se a base for bem feita, bem preparada, tendo aquele momento de afeto, de aconchego isso aí ele vai levar e vai entender que a escola é legal”.

Diante das falas dos(as) professores(as) entrevistados(as), observamos que as respostas dos(as) P. F. 2, P. F. 3 e P. F. 5 destacam a afetividade na relação de ensino aprendizagem para o desenvolvimento do aluno.

“É bem, eu como professora acredito que **quando demonstramos carinho, cuidado, respeito e amor né, fica bem mais fácil a relação professor-aluno.** Até porque são seres que **quando tratados com afeto tem mais chances de, se desenvolver, emocionalmente e intelectualmente** né e facilmente eles compreenderão o sentido de estudar” (P. F. 2).

“A afetividade é superimportante. **Quando se constrói um vínculo de confiança entre o aluno e o professor a chance do aluno ter sucesso no processo de aprendizagem é maior**” (P. F. 3).

Percebemos que ao falar da afetividade na relação de ensino aprendizagem, o(a) P. F. 2 acredita que as demonstrações dos sentimentos podem facilitar a construção de uma relação favorável. De acordo com o que foi apresentado anteriormente e partindo da concepção de

Piaget (2014) “a afetividade pode estimular ou perturbar interferindo nas operações da inteligência” (PIAGET, 2014, p. 37).

Ao demonstrar sentimentos que expressam acolhimento, um aspecto que consideramos positivo e relevante para a relação de ensino aprendizagem, especialmente para as crianças da educação infantil, que é a fase em que elas têm o primeiro contato com o ambiente escolar. Nesse sentido, a construção dos vínculos de confiança em que o(a) P. F. 3 destaca se dá através da maneira como são expressos.

“O laço afetivo entre o professor e o aluno na educação infantil é muito importante, pois **esse primeiro contato influencia no seu desenvolvimento para sua vida escolar, ele vai levar pra vida toda**, afinal a educação infantil é a base, então se a base for bem feita, bem preparada, tendo aquele momento de afeto, de aconchego isso aí ele vai levar e vai entender que a escola é legal” (P. F. 5).

É importante lembrar que é missão dos responsáveis, no ambiente escolar o(a) professor(a) “promover um ambiente facilitador da construção do senso de conforto e segurança para a criança, promovendo um ambiente seguro e acolhedor para a mesma, de modo a favorecer o seu movimento de exploração e autonomia” (VILLACHAN-LYRA et al, 2007, p. 74)

Ainda vale salientar que os sentimentos, as demonstrações de carinho não são as únicas e mais importantes habilidades para exercer a docência. Para Mota et al (2009) “o ambiente escolar deve incentivar a independência, a curiosidade e a expressão de ideias, para que as crianças construam sua própria maneira de pensar e aprendam a ser e a conviver respeitando as regras do grupo”(MOTA et al, 2009, p. 69).

Conhecemos muito mais os estágios do desenvolvimento cognitivo proposto por Piaget, no entanto o teórico apresentou concepções sobre afetividade e sua importância, mesmo sem ter uma preocupação ligada à educação, podemos indubitavelmente verificar o quanto contribuiu para o respeito às etapas da criança, aos tempos que são necessários para o a evolução do cognitivo e do afetivo.

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente. (PIAGET, 1962/1994, p.129)

Pesquisas avançaram a partir dos estudos de Piaget, tomando como base as relações entre inteligência e afetividade, Gouin-Decarie (1968) propõe que no sensório-motor os afetos estejam ligados a necessidade fisiológicas denominando de “afetos perceptivos”, como o próprio nome já diz, ligados a percepção. Composto de sentimentos que surgem a partir das

ações no mundo. No pré-operatório, os sentimentos seriam de “natureza intuitiva”, como as simpatias e antipatias. De acordo com Souza (2011, p.249), analisando os estudos da pesquisadora canadense, afirma que “os afetos são mais estáveis do que no período anterior”.

Para Piaget, no período sensório-motor o desenvolvimento afetivo ainda pode ser considerado genérico, baseado de Janet, a conduta estaria ligada a ação e determinada pelo êxito ou fracasso (SOUZA, 2011).

As conquistas do bebê nos dois primeiros anos de vida, de acordo com Souza (2001), ocorrem tanto do plano afetivo quando no plano cognitivo, Piaget considerava o plano afetivo como complementares e essenciais. No período pré-operatório, denominou de afetos intuitivos, dando início aos primeiros sentimentos morais e são aprendidas a partir das relações assimétricas (família e comunidade escolar), surgindo assim à compreensão de autoridade. É nesse estágio que a criança da Educação se encontra, por isso o ambiente escolar pode contribuir muito na formação de valores que serão estruturantes para toda a vida.

QUESTÃO Nº 4: QUAL A CONTRIBUIÇÃO QUE A AFETIVIDADE PODE TRAZER PARA O ALUNO/A?

Quadro6: Referente a questão nº 4

P. F.	Respostas
P. F. 1	“A afetividade pode contribuir muito positivamente na vida do aluno, obtendo superações do mesmo, como também quebrando barreiras que o impedem muitas vezes de aprender”.
P. F. 2	“É, o simples fato da criança estar na escola já exige muitas habilidades né, socioemocionais, como o aprender a dividir os brinquedos, esperar sua vez, controlar o quanto e o que se fala né, tudo isso nem sempre se aprende em casa e a escola fica como um lugar para se desenvolver né, que se convive”.
P. F. 3	“A afetividade contribui para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e socioemocional da criança ”.
P. F. 4	“A afetividade tem uma contribuição fundamental na vida de um aluno, pois assim quando ele tem a confiança do seu professor, se sente amado e seguro para entender tudo o que lhe apresenta ”.
P. F. 5	“A contribuição que a afetividade traz para a educação infantil é que o aluno vai sentir prazer em ir a escola. Quando o aluno ele tem afeto pelo professor, ele vai dar mais atenção as aulas, ele vai querer ir pra escola ”.

Dentre as falas dos(as) professores(as) em relação à contribuição que a afetividade pode trazer para o(a) aluno(a), identificamos aspectos considerados importantes que já demonstramos anteriormente em relação à teoria de Piaget. Destacaremos as respostas dos(as) P. F. 3, P. F. 4 e P. F. 5.

“A afetividade **contribui para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e socioemocional da criança**” (P. F. 3).

A resposta do(a) P. F. 3 corrobora a importância da afetividade para o desenvolvimento do(a) aluno(a). De acordo com Piaget (2014) a afetividade tem o papel de intervir acelerando ou perturbando as operações da inteligência, como um estímulo positivo ou negativo, podendo causar progresso e/ou regresso no desenvolvimento intelectual da criança.

Nesse sentido, a necessidade em planejar situações no ambiente escolar que possam contribuir para atitudes positivas na criança é um desafio a ser encarado pelos profissionais da educação, tendo em vista que a sala de aula é composta por uma diversidade de crianças e que em muitos casos a escola é o ambiente que a criança vivencia em maior quantidade situações que incentivam e aumentam sua capacidade em aprender.

“A afetividade tem uma contribuição fundamental na vida de um aluno, pois assim quando ele tem a confiança do seu professor, se sente amado e seguro para entender tudo o que lhe apresenta” (P. F. 4).

É importante destacar que quando há uma relação de confiança estabelecida entre o(a) professor(a) e o(a) aluno(a), logo, este aluno(a) sentirá que é capaz de aprender o que lhe está sendo apresentado. Levando em consideração, Libâneo (2001) afirma “reconhecer que os resultados escolares dos alunos dependem da origem social, da situação pessoal e familiar, da relação com os professores, tanto ou mais ainda do que a inteligência” (LIBÂNEO, 2001, p. 42).

A P. F. 5 ao responder sobre a contribuição que a afetividade pode trazer ao aluno, reforça novamente que o aluno que tem afeto pelo professor sente interesse em prestar atenção nas aulas e por consequência disso sentirá entusiasmo em frequentar a escola.

“A contribuição que a afetividade traz para a educação infantil é que o aluno vai sentir prazer em ir a escola. Quando o aluno ele tem afeto pelo professor, ele vai dar mais atenção as aulas, ele vai querer ir pra escola” (P. F. 5).

A aprendizagem se dá de acordo com o interesse que a criança possui, evidenciando os processos da adaptação: assimilação e acomodação, que descrevem como ocorre a aprendizagem no indivíduo. Conforme Piaget (2014),

“Toda conduta é uma adaptação, e toda adaptação, o restabelecimento do equilíbrio entre o organismo e o meio [...] A conduta chega ao final quando a necessidade está satisfeita: o retorno ao equilíbrio é marcado, então, por um sentimento de satisfação” (PIAGET, 2014, p. 41).

Além disso, compreendemos que na medida em que o(a) aluno(a) passa a dar mais atenção para as aulas e sente interesse em ir para a escola automaticamente está construindo uma boa relação com o(a) professor(a) em sala de aula. O(a) professor(a) não pode fazer com

que o(a) aluno(a) aprenda se o interesse em aprender não surgir nele(a), desta forma, o(a) professor(a) apenas cria estratégias para despertar no aluno o desejo de aprender.

Piaget (2014) explica que a afetividade é uma fonte de energia que impulsiona o desenvolvimento intelectual, mas não o altera, assim como um automóvel depende do combustível para funcionar, como as redes sociais que funcionam através da internet, etc. Assim sendo, ela não produz novos conhecimentos, mas impulsiona a construção deles, sendo a causa de condutas.

QUESTÃO Nº 5: QUE MEDIDAS VOCÊ UTILIZA PARA CONTRIBUIR COM A AFETIVIDADE EM SALA DE AULA?

Quadro7: Referente a questão nº 5

P. F.	Respostas
P. F. 1	“Eu tento delinear as minhas atitudes e as maneiras de intervir nos conflitos da sala de aula , criando uma conexão para conhecê-los e passar a entendê-los melhor. Procuo interagir com o cuidado necessário para marcá-los positivamente ”.
P. F. 2	“Bem eu procuo acompanhá-los né, em todos os momentos, é, observando com atenção o que eles falam entre si, seja nas brincadeiras nas rodas de conversas, etc. né. A relação afetiva com os meus educandos, em sala, não tem momento certo, ela acontece durante toda a rotina e em todos os momentos, e está centrada na aprendizagem”.
P. F. 3	“ Fazendo rodas de conversa , contação de histórias, momentos lúdicos, impondo limites quando vejo que é necessário ”.
P. F. 4	“ Uma boa relação para com cada aluno através do carinho, abraços, conversa, está sempre perto entendendo melhor cada situação que cada criança está vivenciando ”.
P. F. 5	“A medida em que eu utilizo na contribuição para ter afetividade na minha sala é: eu sempre faço uma acolhida ao chegar cada aluno, dou sempre atenção aos olhares e questionamentos durante a aula e sempre converso com os familiares, porque a gente além de ter o vínculo com o aluno a gente tem que ter o vínculo com a família . Isso é muito importante, então é dessa maneira que eu trabalho”.

Diante das respostas dos(as) professores(as) referente às medidas que utilizam para contribuir com a afetividade em sala de aula, observamos nas falas que se destacam o acolhimento e o estabelecimento de limites em sala de aula. Nas falas dos (as) P. F 1, P. F, 2 e P. F. 3 nos deixa claro que o estabelecimento de limites é uma medida habitualmente adotada, seja acompanhando em todos os momentos ou por meio das intervenções, embora compreendamos que em alguns momentos sejam necessárias, fazem refletir em como devem ser feitas.

“Eu **tento delinear as minhas atitudes e as maneiras de intervir nos conflitos da sala de aula**, criando uma conexão para conhecê-los e passar a entendê-los melhor. Procuo **interagir com o cuidado necessário para marcá-los positivamente**” (P. F. 1).

Observamos que o(a) P. F. 1 expressa em sua fala que embora tenha que intervir diretamente nos conflitos emergentes na sala de aula, se esforça para criar vínculos que permitam compreender os alunos e não deixar marcas negativas.

“Bem eu procuro acompanhá-los né, em todos os momentos, é, observando com atenção o que eles falam entre si, seja nas brincadeiras nas rodas de conversas, etc. né. A relação afetiva com os meus educandos, em sala, não tem momento certo, ela acontece durante toda a rotina e em todos os momentos, e está centrada na aprendizagem” (P. F. 2)

“Fazendo rodas de conversa, contação de histórias, momentos lúdicos, impondo limites quando vejo que é necessário” (P. F. 3).

Analisando as respostas dos(as) P. F. 2 e P. F. 3, identificamos que agir com cautela é muito importante para não causar constrangimento ou bloqueios emocionais. Como já foi demonstrado anteriormente, Piaget (2014) afirma que os bloqueios emocionais nos alunos podem surgir devido a um sentimento de inferioridade. Sendo assim, visamos a necessidade de estar atento na hora de chamar a atenção do(o) aluno, tendo o cuidado para não desmotivá-lo em seu progresso.

Tendo como base a teoria sociointeracionista de Vigotski, considera-se que sala de aula é espaço para criar Zonas de Desenvolvimento Proximal afetivo, o(a) professor(a) como mediador(a) desse processo tem a capacidade para despertar no(a) aluno(a) o interesse de construir o seu próprio conhecimento, levando em consideração a influência que suas ações podem causar. Desta forma, as autoras Oliveira e Rego (2003) afirmam que “o repertório cultural, as inúmeras experiências e interações com outras pessoas representam fatores imprescindíveis para a compreensão dos processos envolvidos” (OLIVEIRA; REGO, 2003, p. 19).

O ser humano aprende, por meio da sua cultura e a partir da interação com outros humanos a agir, a pensar, a falar, e a sentir (REGO, 2003), o espaço da sala de aula.

“Uma boa relação para com cada aluno através do carinho, abraços, conversa, está sempre perto entendendo melhor cada situação que cada criança está vivenciando”.

“A medida em que eu utilizo na contribuição para ter afetividade na minha sala é: eu sempre faço uma acolhida ao chegar cada aluno, dou sempre atenção aos olhares e questionamentos durante a aula e sempre converso com os familiares, porque a gente além de ter o vínculo com o aluno a gente tem que ter o vínculo com a família. Isso é muito importante, então é dessa maneira que eu trabalho”.

Observamos nas falas do(a) P. F. 4 que as medidas utilizadas para contribuir com a afetividade em sala de aula estão atreladas a uma boa relação com seus alunos, calcada no acolhimento dos pequenos, procurando entender as situações que estão vivenciando.

Percebemos que se propõem a observar e a ouvir o aluno para compreendê-los, estas atitudes são fundamentais para o desenvolvimento do aluno, pois as crianças nessa fase ainda não compreendem o sentido de estudar e por consequência disso precisam do intermédio do professor para conseguir expressar. Oliveira e Rego (2003, p.19-20) explicam que “Vygotsky postula diferenças qualitativas significativas entre as emoções dos animais e dos seres humanos, assim como aquelas dos adultos e das crianças”, para ele, as emoções das crianças são inferiores as dos adultos por não ter atingido ainda a maturação. O autor denomina como emoções primitivas semelhantes as que podem ser encontradas em outros animais (apego, alegria, raiva, medo) e emoções superiores (amor, afetividade, inveja, solidariedade) que são próprias dos seres humanos, precisam de recursos das funções psicológicas superiores.

Nessa perspectiva, as emoções primitivas estão ligadas à raiz instintiva biológica, no decorrer do desenvolvimento da criança as emoções vão se transformando, se afastando dessa origem biológica e se constituindo como fenômeno histórico e cultural, Oliveira e Rego Apud Vygotsky (2003),

Não existem sentimentos que, por causa de privilégio de nascimento, pertencem à classe superior, e ao mesmo tempo outros, que por sua própria natureza, podem ser considerados entre a classe inferior. A única diferença é uma diferença em riqueza, e complexidade, e todas as nossas emoções são capazes de ascender todos os passos de nossa evolução sentimental. (Vygotsky apud van der Veer e Valsiner, 1996: 385).

Por isso que, na escola, deve-se ter espaço para o desenvolvimento dessas emoções, pensar sobre a conduta das crianças, mas que os professores possam ser também agentes de transformação, a partir da sua forma de lidar com as emoções e demandas das crianças. É importante lembrar que nos cursos de formação de professores(as) discute-se muito pouco este tema e muitos procuram pós-graduações na linha socioemocionais para encontrar respostas para lidar com as emoções no ambiente escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o objetivo principal compreender a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem a partir da percepção dos professores das escolas do município de Sertãozinho-PB. Com isso, buscamos investigar a importância desse tema na formação de crianças, especialmente na educação infantil. Partindo deste princípio, fizemos uma breve retrospectiva da infância, do surgimento dos jardins de infância e de como eram voltadas as instituições que atendia os pequenos até o surgimento de leis que favorecessem a criança.

Para entender os aspectos afetivos no desenvolvimento da criança, buscamos abordar a afetividade na perspectiva Piagetiana, onde consideramos que ficou claro a função que a afetividade exerce, assim como uma fonte de energia, ela estimula ou perturba as operações intelectuais, sendo a causa de condutas, dessa forma interferindo no desenvolvimento do aluno a partir das situações que ele vivencia.

Apresentamos também a afetividade a partir de outros autores; afetividade e aprendizagem. E por fim trouxemos Vygotsky com importantes considerações para a mediação na perspectiva sociointeracionista.

Foi possível conhecer a percepção dos professores do município de Sertãozinho-PB sobre a importância da afetividade e a aprendizagem na educação infantil, tendo parte de contribuição significativa neste trabalho. Dentre as experiências exitosas que tem a afetividade como princípio norteador das atividades realizadas com as crianças, destacaremos as interações que proporcionam o aluno falar e ouvir, como as rodas de conversas, em que percebemos o acolhimento nas relações professor-aluno, como sendo de extrema relevância para o desenvolvimento do aluno.

Acreditamos que os objetivos propostos no início do trabalho foram alcançados, no entanto é necessário que este tema continue sendo debatido e pesquisado, em especial nos cursos de formação docente.

Notamos ainda que os(as) professores(as) se esforçam para garantir o mínimo de ambiente para o desenvolvimento das habilidades sociais que influenciam no lidar com as emoções, como ter um ambiente acolhedor, saber lidar com conflitos dentro da sala de aula da educação infantil, mas ainda não deixam claro a aproximação baseada em alguma teoria dos teóricos da psicologia da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm . Acesso em: 03 de Out de 2019.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 01 de Out de 2019.
- BRONZATTO, Maurício; CAMARGO, Ricardo Leite. **Moral e Afetividade em Piaget: Os “Movimentos Íntimos da Consciência” em O Juízo Moral na Criança**. Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas-Vol 3- 2010.
- CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **O imperativo do afeto na educação infantil: a ordem do discurso de pedagogas em formação**. São Paulo: UFFS, 2014.
- CRESWELL, Jhon W.; CLARK Vicki L. Plano. **Pesquisa de métodos mistos**. -2ª ed.- Porto Alegre: Penso, 2013.
- DE SOUZA, M. T. C. **O desenvolvimento afetivo segundo Piaget**. In: ARANTES, V. A. (org). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003. p. 53-70.
- DEL PRETTE, Z. A.P., DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**.Petrópolis: Vozes; 2008.
- FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 63ª ed.- Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FRÖBEL, F. **The education of man**. Ed. Harris, Nova Youk: D. Appleton, 1912.
- GUILHERME, Paulo. **Professor no Brasil perde 20% da aula com bagunça na classe, diz estudo. G1**, São Paulo, mar/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/professor-no-brasil-perde-20-da-aula-com-bagunca-na-classe-diz-estudo.html>> Acesso em: 12 nov.2020. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/sertaozinho.html>. Acesso em 12 de Nov de 2020.
- KISHIMOTO, T.M. **Fröbel e a concepção de jogo infantil**.In:KISHIMOTO , T. M. (Org). O brincar e suas teorias. Ed. Pioneira Educação, São Paulo, 1998.p. 57- 78.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. -5ª ed.- São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educacionais e profissão docente**. 5ª ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

MELO, Glória Maria Leitão de Souza et al. **Ser criança: repensando o lugar da criança na educação infantil**. Campina Grande: EDUEPB, 2009.

OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, V. A. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2010.

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento humano*. 10 ed. Porto Alegre: Arned, 2010.

PIAGET, Jean. **Relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

PICCININI, Cesar A. et al. **Bebês na creche: Contribuições da Psicologia do Desenvolvimento**. Curitiba: Juruá, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. -Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SALOMÃO, Nádia M. Ribeiro et al. **Interface: Psicologia do desenvolvimento e questões educacionais contemporâneas**. João Pessoa: UFPB, 2016.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. – Vol. II.

VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. *Vygotsky: Uma Síntese*. São Paulo: Loyola/Unimarco, 2001.

VIGOTSKI, L.S. A educação do comportamento emocional. In: **Psicologia pedagógica: edição comentada**. Porto Alegre: Arned, 2003.

VIGOTSKI, L.S. As emoções e seu desenvolvimento na infância. In: _____. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. -2ª ed.- Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração, UFSC, 2013.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CARTA DE ANUÊNCIA

Prezado (a) Diretor (a),

Estamos realizando um estudo com o objetivo de pesquisar sobre a afetividade na educação infantil, sendo esta pesquisa destinada ao Trabalho de Conclusão de Curso – TCC do curso de Pedagogia cujo objetivo é adquirir informações sobre a importância da afetividade para lidar com crianças da educação infantil, assim como conhecer a percepção dos professores e outros fatores pertinentes a pesquisa científica em foco.

Para atingir tal objetivo, seria necessário realizar uma pesquisa com professoras dessa instituição, tendo em vista que fazem parte da modalidade escolhida para o desenvolvimento deste trabalho, podendo desta feita, trazer informações seguras para o trabalho científico. Esclarecemos que as informações prestadas serão estritamente de cunho científico. Sendo assim, solicito do (a) Sr (a) permissão para tal procedimento.

Eu, _____, na condição de Diretor (a) da Escola _____, venho por meio deste autorizar a realização dessa pesquisa, desde que esta esteja adequada às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba.

Guarabira, ___/___/___

Letícia de Sousa Nunes
Aluna da UEPB/ Curso de Pedagogia
Matrícula: 142466662
Ana Raquel de Oliveira França
Profª. Orientadora/ UEPB/ Campus III

APÊNDICE B– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Prezado (a) participante:

Sou estudante do curso de graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Matrícula:142466662. Estou realizando uma pesquisa sob a orientação do (a) professor (a) Ana Raquel de oliveira França sobre o tema **A importância da afetividade na educação infantil**, cujo objetivo é adquirir informações sobre a importância da afetividade para lidar com crianças da Educação Infantil.

Sua participação envolve responder uma entrevista sobre questões referente à afetividade.

A participação nesse estudo é voluntária, caso não queira participar terá liberdade em fazê-lo. Esclarecemos que as informações prestadas serão estritamente de cunho científico, e que sua identidade será mantida em sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção do trabalho científico.

LETÍCIA DE SOUSA NUNES
Graduanda
Matrícula:142466662

ANA RAQUEL DE OLIVEIRA FRANÇA
Orientadora

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do (a) participante

Guarabira, ___/___/___

APÊNDICE C –ENTREVISTA COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**UEPB****UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA****CAMPUS III****CENTRO DE HUMANIDADES****DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO****CURSO DE PEDAGOGIA****DISCENTE: Leticia de Sousa Nunes****ORIENTADORA: Ana Raquel de Oliveira França****ENTREVISTA COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Nome:
Idade:
Sexo:
Formação:
Tempo de magistério:

1. O que você entende por Afetividade? Tem algum autor que orienta seu procedimento em sala de aula?
2. Você considera a afetividade um fator importante na educação infantil? Por quê?
3. Fale sobre a importância da afetividade na relação de ensino aprendizagem na educação infantil.
4. Qual a contribuição que a afetividade pode trazer para o aluno/a?
5. Que medidas você utiliza para contribuir com a afetividade em sala de aula?